

(12-10-2020)

Artes Digitais

Hernando Urrutia

Boa tarde, boa tarde a todos, bem-vindos ao espaço, conversa e debate Funchal Cultura 2030 artes digitais, no âmbito do Funchal Cultura, onde se tratarão temas sobre as artes digitais.

Debate programado pela Câmara Municipal do Funchal, no âmbito do projeto Funchal Cultura 2030 com vista à criação de um plano estratégico para a cultura do concelho a pensar na próxima década.

A transmissão vai realizar-se a partir do Teatro Municipal Baltazar Dias.

Atualmente a dimensão cultural das artes digitais necessita de ser valorizada, nesse sentido promove-se este debate com o objetivo de refletir sobre questões como as redes sociais e as artes plásticas, o digital e a produção de arte contemporânea, vida digital versos presencial, o consumo das artes nas plataformas digitais.

Como convidadas especiais temos a Carla Nunes e Diana Serrão e quem fala é Hernando Urrutia e faço também de moderador, por convite da organização a quem agradeço a honra de ser convidado para fazer parte desta conversa e debate.

Passo então à apresentação das minhas colegas, Carla Nunes, estuda Sociologia do Trabalho, e Antropologia no Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, finalizando a licenciatura com um seminário em investigação e um filme etnográfico com o tema “Bordado Madeira”. Em paralelo aos estudos universitários frequentou aulas de desenho e de moda no Instituto Profissional, mas este em Lisboa, em 1999, juntamente com o desenho de moda, também trabalha com artes performativas, nomeadamente a dança performance, e figuração em novelas

e teatro. Esta fase condicionam as perspetivas da conceção e aos cenários e ambientes criados. Durante 17 anos, com muitas viagens entre o Norte e o Sul de Portugal, trabalhando com a empresa de animação artística e cultural, produtores de música eletrónica e vídeo, projeção, a arte digital começou a suscitar-lhe curiosidade e uma sede de conhecimento, no novo milénio, a partir do ano 2000. Fez investigação em regime independente na área das novas tecnologias de informação e o impacto cultural e social nas sociedades, nesta fase frequentou formações on-line disponíveis para utilização de software ligados à imagem, Photoshop, Corel, VideoStudio, After Effects, Fractal Software, Resolume, Arena, projeção de vídeo e vídeo mapping e ARCOS.

Em 2014 começou o projeto Glitch visual art, atividade conjunta com o designer gráfico Mário Lopes tendo realizado projetos de narrativas visuais, multimédia, vídeo mapping, e vídeo projeção em vários eventos culturais, a nível regional e nacional.

Em Misty Fest em Sintra, Modtissimo em Porto, Madeira Dig aqui no Funchal, inauguração do Cais do Carvão, Ilha da Madeira, Feira do livro Funchal, Funchal Fashion Week, Colégio dos Jesuítas, evento Art Déco, Funchal, Festival Aqui Acolá, Ponta do Sol, Nini Design e CR7, Tender, Café Museu, Fica na Cidade, BBC - Barreirinha Bar Café, entre outros.

Atualmente, em simultâneo, com o projeto Glitch Visual Art faz investigação científica independente, com temas de identidade cultural, social, memória cultural, coletiva na perspetiva antropológica, e em literatura e estudos intermédios.

Correto?

Carla Nunes

Correto.

É um prazer estar aqui convosco.

Boa tarde para os que me estão a ouvir.

Hernado Urrutia

Muito obrigado.

Seguimos com Diana Serrão.

Diana Serrão, de Abreu Serrão, é natural do Funchal também, e licenciada em cinema, vídeo e comunicação multimédia na área de produção e realização cinematográfica pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, tem uma pós-graduação em culturas visuais digitais e frequenta um mestrado em Artes e Tecnologias do Som, no ISMAI, no seu percurso profissional como freelancer tem colaborado em diversos projetos de criação e produção artística em cinema, vídeo-arte, artes do espetáculo, trabalho em televisão, participou como autora nos “Fancines Nicotina e o Dedo”, e na antologia poética mostrengo, colabora com a direção de serviços de educação artística e multimédia da Direção Regional da Educação, da região autónoma da Madeira, como realizadora e editora, e diferentes projetos no domínio das artes visuais na RAM, Região Autónoma da Madeira, o seu último projeto audiovisual NAU, dedicado à promoção e divulgação de poetas Madeirenses contou com a produção do Teatro Municipal Baltazar Dias, e a Câmara Municipal do Funchal, é artista residente no Conservatório, Escola Profissional das Artes da Madeira e Engenheiro Luís Peter Clode, da RAM, durante este ano letivo.

E é Hernando Urrutia que fala, é artista multidisciplinar, designer, investigador e colaborador do CIA, Centro de Investigação e Artes de Comunicação. Doutorando em Média Arte Digital, diretor e curador do Image Play - Festival Internacional de Vídeo-arte, e Experimento Transformação Audiovisual - Mostra de vídeo-arte, Diretor dos projetos Plus Sound Art Project, processo de comunicação digital, Urban Som, Culto Visual fazer arte

contemporânea, Plus Projection - projeção de arte contemporânea no espaço público ou a arte do mapeamento, Light Art Project e Plus Arte Contemporânea, entre outros. Sou membro de grupos de investigação e experimentação da imagem em movimento em várias partes do mundo, membro de outro grupo internacional de cinema experimental na Albânia, Brasil, Espanha, Estados Unidos, entre outros. Também sou membro do grupo Cine Mutante no México, membro da rede VADB de arte contemporânea latino-americana, membro convidado como artista na secção de investigação em Madrid, Espanha. Colaborador de projetos artísticos, nacionais, internacionais, fui professor universitário por vários anos, em várias universidades, exponho desde 1973 com 250 exposições coletivas e 15 individuais, tendo recebido 63 reconhecimentos e 7 prémios na área de arte contemporânea, design, arte digital, criação sonora, cinema experimental e vídeo-arte. Realizei 20 conferências nacionais e internacionais, estou representado em mais de 103 coleções públicas importantes em várias instituições, fundações, museus e galerias e em mais de 170 coleções privadas, em mais de 25 países e regiões como Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Chile, Colômbia, Croácia, Cuba, Estados Unidos da América, Escócia, Espanha, França, Inglaterra, Itália, México, Peru, Polónia, Portugal, Porto Rico, Reino Unido, Tunísia, Turquia, Uruguai, Venezuela, entre outros.

Feita esta apresentação dos participantes, queria propor para abrir o debate, é importante rever algumas perguntas, com base nas premissas iniciais apresentadas.

Vamos ao primeiro tema:

- Como a arte e a cultura são vistas no futuro ou que é entre aspas, possível. Para isto, quando falamos do que é “possível” no campo da arte e da cultura, nestas condições atuais nos referimos a: é realmente possível, ou será impossível que a arte e a cultura sobrevivam como a conhecemos atualmente em suas diferentes facetas? É algo que devemos refletir.

A arte em geral sempre sofreu de muito mais interesse, mas também é um assunto complexo de tratar com propriedade, mas só faço esta menção, devido a que sempre foi subestimado, agora neste período atual sofre como nunca, com suspensões totais ou parciais, transferência de datas e na melhor das hipóteses, a apresentação de produtos artísticos em outras formas de apresentação, que não as habituais, pelo qual está sendo forçada a se reinventar, como uma nova forma, a transformação nela, ela própria está assumindo os meios tecnológicos para transferir os conteúdos das obras e de todos os conceitos e mensagens, perguntas e reflexões para uma apreciação virtual e não de contacto direto como antigamente. O setor cultural e o tecido artístico em sua atual distopia cultural, que nos levou a esta situação, está corroendo até mesmo as engrenagens dos circuitos de arte e devemos evitar que isto aconteça, porque neste período, a incerteza sobre o futuro, todo o desenvolvimento da regularização das atividades sociais, temos de continuar trabalhando, para evitar uma queda terrível, com a suspensão dos eventos culturais, não só suspender os eventos culturais, queremos fazer precisamente o contrário, transformá-los, nós devemos ver os motivos de suspensão dos eventos culturais, pelo contrário, penso que quando devemos apoiar a cultura em sua divulgação a favor do desenvolvimento do tecido cultural das cidades, é preciso ver de que forma se realiza uma verdadeira inclusão dos artistas, como forma de expor, os diversos meios criativos, atuais e as reflexões inerentes das obras proporcionando conhecimentos e novas formas de pensar aos seus cidadãos. Não podemos ter dúvidas sobre a manutenção da cultura, e das suas diferentes áreas principiante quando é viável permanecer em sua proliferação e forma de exibição, devemos ter a certeza de que a cultura não pode ser suspensa, ou enfraquecida, colocando em risco o que com ela leva, devemos manter a cultura, os seus gestores, artistas, grupos, entidades em prol da evolução do homem, devemos tornar o impossível, possível. É possível avançar, implica haver uma reestruturação, não sabemos quanto

tempo pode durar esta situação na qual vivemos agora, pela pandemia, mas o que não podemos prolongar é a dinamização da cultura. E nisto deixo então a palavra a Diana, Diana Serrão, sobre este tema.

Diana Serrão

Em relação ao contexto pandémico, basicamente o que nos temos que fazer é adaptar-nos aos novos tempos, isto não é novidade nenhuma, o que é preciso é garantir que os apoios continuam a ser dados aos artistas e aos agentes culturais, e também é preciso promover a criação artística, para que a cultura não esmoreça, não é, acho que é muito importante as pessoas comecem a ver novos modelos de produção artística aplicadas ao digital e comecem a trabalharem de modo muito mais colaborativo, sejam os criadores, os produtores, todos os agentes culturais e poder usufruir e explorar o mundo digital, para o bem da cultura e das artes, ou seja, através de plataformas interativas, que já testamos, não é, porque esta pandemia, apesar de não sabermos quando ela acaba, o tempo de quarentena, foi num tempo em que alguns artistas, alguns produtores, conseguiram testar modos de produção artística online, não é, e penso que é aí que temos de observar quais são os prós, os contras, quais são os benefícios e até que ponto é realmente inclusivo, e estar atento a quem é que deixamos de fora, como referiste e muito bem, e também dar continuidade a certos projetos, porque pode haver iniciativa, não é, mas se não houver continuidade não se torna sustentável.

Hernando Hurrutia

A continuidade permite que os projetos deem resultados. A cultura é, e isso é importante, que as entidades culturais, instituições culturais e governamentais, percebam que a cultura é um processo, e esse processo

deve ser levado em fases, os resultados não são imediatos, mas vão-se ver depois, e para isso é preciso que exista essa clareza, não?

Diana Serrão

A arte é uma ato, neste momento, é um ato político, mas é um ato de transformação, nunca é uma resistência a todos estes fatores que não controlamos, que são exteriores a nós, de certa maneira, e a arte passa exatamente por mediar e construir esta mensagem de transformação mais positiva.

Hernando Urrutia

E Carla Nunes, querida colega Carla Nunes, quero ouvir a sua opinião.

Carla Nunes

Como já foi dito, o objeto de arte não é isolado em si, não se cria um objeto e pronto e tal, ele está condicionado aos meios de comunicação. A pandemia, infelizmente estamos a passar essa fase, eu preferia estar só a ler e não a experienciar esta fase, mas se fores rever, lá trás, desde que existe humanidade, existe sempre crises e pandemias e uma série de mudanças biológicas que nos leva a mudanças sociais e culturais, e isto é um processo natural, como já disse, preferia estar a ler nos livros do que estar a experienciar, mas isto é natural, e a arte constitui-se a partir de determinadas condições sociais, técnicas, culturais, obviamente Hernando como tu disseste, a cultura é um processo e é verdade, e demora tempo, obviamente se há uma parcela destas que falham, as outras todas vão por ali abaixo. O que é que é preciso, é preciso uma mudança de paradigmas, uma mudança de mentalidade e explorar ao máximo o espaço cibernético, o espaço virtual,

porque é uma abertura a possibilidades, claro que o presencial irá sempre existir, mas o virtual é um complemento, ninguém está aqui a tentar que o virtual passe o presencial, não é um complemento e ambos vão existir, e o virtual é preciso se especializar, formar, é preciso fazer uma reeducação tal como foi a invenção da escrita na humanidade, que toda a gente teve que se reinventar, teve que se mudar mentalidades para se adaptar à invenção da escrita e nós temos que nos adaptar e reformular ao digital obviamente, é um complemento ao físico. Existem comunidades virtuais que servem para divulgação dos eventos, serve para... Existem os novos empreendedores que com o virtual surgiram, isto nos Estados Unidos já está há 18/19 anos, sensivelmente, que é os Social Media Market que são gente formada só para divulgação de tudo o que são redes sociais, que obviamente, eu por exemplo, eu tenho páginas, eu tenho site, se eu for fazer tudo, desde divulgação, marketing, contactos, tudo no virtual, eu não faço obra nenhuma, não crio nada, obviamente que eu tenho de ter pessoas especializado para isso, tem que haver uma interdisciplinaridade, é uma individualidade a nível de presença física, aqui ao meu lado, claro, não tem ninguém, mas é uma interdisciplinaridade que tem que haver, as pessoas têm que ter essa mentalidade. Os eventos foram cancelados presencial, pronto, porque há um risco de contágio e infeções, mas virtualmente, pode-se continuar a fazer, é preciso é uma interdisciplinaridade de vários setores e toda a gente a trabalhar para o mesmo, e aí as coisas fluem e se calhar já ninguém se lembra da pandemia, ou diz, “oh, ainda bem que existiu a pandemia!”

Hernando Hurrutia

Nós aí tratamos, o que temos vindo a ver da transformação do setor, e quando falamos da transformação do setor, é ali o artista criativo, e as entidades culturais, gestores e produtores devem assumir novas formas, não é, de enfrentar o desafio da comunidade?, e esse processo de transformação



como falava a Diana, exatamente, já está acontecendo e que é a utilização dos meios média digital, e as interfaces virtuais, e as redes sociais, para propagação e difusão da arte e da cultura, como tem acontecido em todos os projetos e festivais que eu tenho participado e que muitos têm participado também, desde o início desta transformação, que se estimam ser feitas em exposições e espaços físicos, que era algo que estava estimado, pois além de aparecerem em todos os lugares, convocatórias existem exposições virtuais, agora existe uma proliferação de exposições e convocatórias virtuais, devido a que as próprias instituições...

Diana Serrão

Desculpa interromper, isto do virtual, estou a falar mesmo do espaço virtual, é um bocadinho como... primeiro estranha-se, depois entranha-se, porque o que nos faz realmente confusão é o simulacro, é o estarmos perante, não é, em confronto com a máquina e homem, que é aquela velha questão, mas há medida que começas a dominar a máquina, já vês que até é positivo... É sempre estranho ver um avatar numa galeria virtual...

Hernando Hurrutia

Contudo isso, há outras formas de dinamizar isso, que não são exatamente os avatares, há as comunidades virtuais....

Mas com tudo isso, neste momento se estão a abrir outras possibilidades de projeções em direto, não é, em muitas partes com limitações, claro está, não é.

Mas além de aparecerem todos os lugares e exposições mas com tudo é necessário esclarecer, que agora se está a entrar numa fase de transformação, e sobre isso falava de intercalar a abertura do processo de interação física, por exemplo, há pouco expus a última exposição, que foi em

Londres e foi física, e isso foi em janeiro, fevereiro, e foi a última, não houve mais exposições físicas, só esta que até agora, que foi à pouco no fórum da Maia, que foi uma exposição física, e agora o Funchal, galeria A, com limitantes, claro está, mas está passando claramente as limitações que temos de segurança, mas com tudo isso, se está abrindo, em Malta, por exemplo, ontem falava com o diretor do festival, e ele comentava que estava com um problema e não podia fazer tudo o que queria no festival, como está acontecendo, mas sim as projeções, as projeções ele vai fazê-las com limitações também de entradas e o normal... É claro que muitas obras, devido ao seu estado, devem ser estudadas com cuidado, não é, para poderem ser transferidas para o digital, como estávamos a falar de obras que não estão dentro da arte digital, ou dentro dos áudio-visuais que é um sistema digital já, como o da Daniela Serrão, ou Carla Nunes que produz, ou as que eu produzo agora, sempre ainda que faça “media instalações”, e as que estão feitas em vídeo instalações na Galeria A, tem essa possibilidade, mas digamos, quando falamos de outros meios de expressão plástica não é igual.

Carla Nunes

É um processo que leva algum tempo, mas há trabalhos, por exemplo, tu falaste na literacia visual, já há uns trabalhos, que quando a imagem apareceu, os designers gráficos, também enfrentaram mil e uma dificuldades e foi muito complexo, a nível da literatura, porque acharam que a imagem aparecia e ia abolir a literatura, não, foi um complemento, juntou-se, ficou mais rico, os livros ficaram mais ricos do que só escrita, um complemento, tal como agora, o presencial, ou o físico, pronto, é um complemento, ninguém anda a substituir nada, atenção, [incompreensível] experiências e teoria, e do que já foi feito, e nós... é a evolução, é o processo natural...

Hernando Urrutia

É claro que queremos considerar a cultura online como uma forma de salvaguarda, e é uma era com novos desafios que nos são apresentados, não para modificação do que pode ser o futuro próximo, porque o futuro é agora, é a formação virtual, é a distância que existe há muito tempo, seja por vídeo conferência, ou diferentes plataformas, já estava isto a funcionar, eu mesmo já tinha realizado muitas conferência vídeo online, de continente a continente, porque é mais fácil e cómodo, desta forma as exposições [...]

Diana Serrão

Enquanto os livros retiram esta interação, a parte humana da interação, é por isso que também se calar existe uma resistência...

Carla Nunes

Mas repara, parte humana, interação, ao teu lado, porque se for [...], és capaz de estar numa sala de uma comunidade com cinquenta pessoas a falar ao mesmo tempo, tás a ver, retira-te a parte humana de toque...

Diana Serrão

Mas a comunicação fica fragilizada...

Carla Nunes

Sim, tem que haver novas formas de comunicação, é óbvio, de explorar, de desenvolver... É uma mudança.

Hernando Urrutia

É uma mudança, porque inclusive as áreas dos livros físicas, por exemplo, eu já participei em vários livros físicos, que se tornaram digitais, ou seja, não só aqui em Portugal, fora, na Tunísia, na Polónia, no México, há publicações minhas que estão sendo colocadas, apesar de serem impressas, são retiradas partes, uma parte virtual que é online, porque se está a transformar a parte digital, estamos num mundo totalmente virtual, o que não é ruim, [...] e muitos trabalham por fora, porque não se encaixam, ou não têm como levá-los aí, mas isso é um trabalho que agentes culturais, gestores e os próprios artistas devem ter cuidado, como o desenvolvimento dos trabalhos pode funcionar, ou seja, por exemplo, eu fiz uma residência artística que não podia ser online, há residências artísticas, agora no momento, falava com diretores de várias residências artísticas e está sendo difícil, eu fui selecionado para uma residência artística, da qual não pude assistir, porque era impossível por isto, tu não podes viajar, não podes fazer isso, e termina porque a residência artística tem como a fase de trabalho, e investigação, conceptual a reunião com os nossos parceiros, e outros investigadores, colegas, que fazem dinamizar a residência artística e criar novos saberes e novas possibilidades, é o que chamamos de trabalho comunitário, é impossível criar isso online, não é um resultado muito adequado, mas bem, estão tratando de rever como, porque há muitas instituições e associações culturais que têm como base as residências artísticas, e é um problema, mas há também, quando falamos das feiras que se mantinham caso contínuo, já muitas galerias sobreviviam contra as vendas de feiras? que também falamos sobre isso antes de começar aqui, [[ 00:27:08 ]] pressupõe um estudo com os galeristas, criadores, críticos, curadores e colecionadores, ou seja, permanece desconhecido o que se poderá ser transformado porque também será virtualmente, isso ainda está sendo tratado por especialistas e

outras pessoas, estão ainda vendo como é que vão fazer? Ainda está difícil, mas vai chegar o momento que alguma resposta tem de arranjar, não é? Assumir a dinâmica digital é uma possibilidade de manutenção lógica da cultura, não há hipótese.

Carla Nunes

Não há hipótese, tem de haver, desde *live streams*, por exemplo, quando for a exposição de obras, e só for presencial para um público bastante específico e depois o virtual abre para o mais amplo.

Diana Serrão

Isto retira-nos toda a perceção sensorial...

Carla Nunes

O artista atualmente contemporâneo, isto não é a minha opinião, é a opinião de vários autores, tipo o Levi que é ?? o artista atualmente é um tecnicista, deixou de ser aquele romântico génio, que pegava no pincel e pintava, o que tinha na cabeça imaginava, atualmente é um tecnicista que percebe bastante de lógica e matemática, um sábio, de codificação de códigos que só ele é que entende, para fazer o artista digital...

Hernando Urrutia

A arte contemporânea, e os criadores atuais trabalham com as ferramentas próprias do seu tempo, ou seja, eu não imagino, por exemplo, a Diana Serrão, como faria, para realizar um projeto sem as tecnologias de agora,

seria limitante para ela, ou para qualquer um de nós fazer, seria impossível, [incompreensível, todos a falar ao mesmo tempo]

Diana Serrão

E a produção artística depende exatamente de pessoas. Se eu quiser fazer um documentário com pessoas, sobre pessoas, se eu agora não me é permitido estar fisicamente com pessoas e a desenvolver uma história, eu não sou obrigada agora a desenvolver narrativas digitais, áudio-visuais digital no espaço virtual, eu não sou obrigada a isso, eu posso encontrar outras maneiras de trabalhar à distância, mas sem [...]

Consigo adaptar-me, sim eu posso ir para a realidade aumentada, eu posso envolver outras ferramentas. Mas é assim, ninguém muda, não temos um botão on e off, e agora vou...

Carla Nunes

Mas ninguém está a dizer isso, isto é um processo lento...

As pessoas adaptam-se melhor, porque já estão a investigar o meio antes de acontecer, e adaptam-se logo melhor, e por exemplo, nos documentários tu podes continuar a ser presencial, dois metros de distância, e estás ali e estás com emoção...

Diana Serrão

Não, não não...

Mas isso não funciona...

Carla Nunes

Eu sou muito otimista e estou a dar ideias, podes usar aqueles carrinhos, como eu vi em Lisboa, que aquilo era um microfone que nunca mais acabava, pronto...

Hernando Urrutia

Isso que vocês estão a falar, nós chamamos a inflexão da arte, ou seja, agora a área é a transformação desta emissão digital que está a acontecer e está transformando a inflexão da arte, a arte era inflexão, completamente, tu não podias mexer-lhe, agora não, agora se transformou essa inflexão da arte em flexão, não era que o caminho... a escultura agora é só assim e assim, não, não não, agora a escultura está tornando outras coisas, a escultura já deixou de ser, perdeu a inflexão que tinha, isto quando falamos da inflexão que está em voga à muito tempo, está cada vez mais tornando-se realidade em todo o setor cultural, em toda a criação, porque ele está ganhando terreno, que é algo que temos que assumir todos, não é, e se na verdade queremos expandir a cultura no futuro, ou seja, a globalização da internet permite estar em maior contacto, permite a sua maior difusão, interfere na produção própria, como falava a Diana, e como tu falaste também. A produção no mercado do mundo dos autores culturais, como disse Corbusier “atreve-te e cria”, ou seja, então vamos abrir possibilidades de atrever-nos a querer criar novas possibilidades de divulgação, de arte e de cultura, isto é um processo que para nós não foi tão dramático porque nós trabalhamos com ferramentas que estão, próprias para esta época, mas se nós vemos outros setores, ou outros artistas que não estão dentro da arte digital e todo este... é difícil, é difícil. Por isso é que queria falar dele, e aí está um tema importante a tratar que é o – o que é que acontecerá com os artistas que não sabem usar os recursos tecnológicos?

Queria que abrissemos isto, quando falamos do digital e da produção de arte contemporânea, e todas as artes, não é?

A experiência prevalece, vou falar um bocado sobre isto para entrar, para que possam dar opinião, mas a experiência prevalece como um meio de representação de nossos tempos, ou seja, o nosso tempo implica que o manuseio das ferramentas de acordo com os nosso tempo, estamos a falar de artistas contemporâneos, estamos a falar de hoje em dia, a arte contemporânea do nosso tempo também engloba uma maior investigação em termos de materiais e meios que utilizamos para trabalhar, o que falamos à bocado, o artista criativo deve trabalhar com ferramentas do seu tempo, e não só isso, o dever de cada um de nós se integrar-nos no tecido artístico, e assumir a responsabilidade de nos atualizarmos e de forma a podermos acompanhar a evolução e pelo menos estarmos ligados a através de requisitos solicitados pelas diferentes entidades culturais do mundo porque para poder fazer uma via artística e entrar dentro do circuito, atualmente implica que devemos estar à velocidade do circuito, nós não podemos estar desfasados, não é, implica uma atualização constante, isto não é nada mais do que encaminhar o ritmo do setor, ou seja, nós temos que estar ao próprio nível deles, à própria velocidade, à própria dinamização dos meios, ou seja, ser um artista contemporâneo implica que por estarmos neste momento somos contemporâneos, e não é exatamente isso, o contemporâneo é ser mesmo aquilo que o olhar da arte e do mundo contemporâneo, é seguir para estar sempre no ponto além do tempo, ou seja, podíamos dizer que, na vanguarda, isso é que é ser contemporâneo, não é por existir aqui que somos artistas contemporâneos, ou porque pintamos somos artistas contemporâneos, é a obra contemporânea que trespassa o seu tempo, ou seja, um artista que finge estar na vanguarda, não pode estar em sistema de comunicação e abordagens de anos atrás, é impossível, porque esse próprio anacronismo, vai criar uma lacuna no qual ele não conseguirá encaixar e é o que está a acontecer com muitos artistas que trabalhavam de forma tradicional e que agora estão perdendo a possibilidade de propagar os seu trabalho, e as próprias galerias estão vendo-se em dificuldades de poder



assumir os seus artistas, tem de fazer um acompanhamento à parte, vendo-se à rasca, para poder conseguir levar que os seus artistas de formas tradicionais consigam estar na vanguarda, então, é refletindo sobre as diferentes esferas de massificação da arte contemporânea e da arte em geral, como arte digital nas redes sociais e as diferentes plataformas de reprodução, como falava a Diana, da transformação de campo, de fácil conexão física, num espaço em campo de conexão digital, ou seja, a fase que há entre como o espaço físico se transforma num espaço digital, e como fazemos para nos propagar a obra ou mostrá-la, não é, nesta era de conexão digital do mundo cibernético, porque estamos claramente ali, o tempo se reduz ao tempo real, ou seja, o espaço se transforma em não espaço, e embora por isso a importância do espaço real como vimos e do tempo cronológico que passa, tenha a renovação do seu significado e importância, agora temos isto que *in situ*, ou seja, nós estamos a fazer isto num momento determinado uma conferência que os outros nos estão a ver, neste mesmo instante e isso faz que desta forma o consumo acesse diferentes plataformas, não é negativo, até pelo contrário, creio que é aqui que mais devemos apoiar a cultura, ou seja, a sua divulgação, a favor do seu desenvolvimento cultural em todas as comunidades, do mundo, as representações inerentes que se estão falando agora, que cada esfera artística, cultural, expõe conduzindo-se a um circuito informal, aberto, já que a imersão e a hiper conexão atual transforma a realidade da comunicação, numa arquitetura comunicacional, que se instrui, não é inegável, pelo contrário, replicando-se exponencialmente em tudo, ou seja, as áreas geográficas em ritmo de multiplicação levando todo o conteúdo cultural do material, ao material, é uma proposta de instrução aberta, isso é onde se está a chegar agora, se está a falar de instrução aberta, que vai levar algum tempo, e agora está-se a proliferar de uma forma massiva, não podemos ficar inseguros quanto à manutenção da cultura, e suas diferentes áreas, principalmente quando é viável permanecer na sua proliferação, por meio de

novas formas de exposição, tenho a certeza que a cultura não pode ser suspensa ou fragilizada, as políticas culturais e a cultura devem estar inseridas num sistema aberto, eu falo em estar aberto só, assente de forma recíproca, participativa e livre, ou seja, é imprescindível manter a cultura e suas reflexões inerentes em uma nova forma e construção da ciber cultura a favor da evolução do ser humano, eu acho que é imprescindível para que estas práticas culturais, não há formas de expandir, sejam abertas para todo o público, agora mais que nunca, acho que quem tem possibilidades de aceder à tecnologia, não há um computador em todas as casas, tem possibilidades de assumir esses conceitos, essas reflexões que os artistas planteiam com as suas obras.

Eu queria dar a palavra e falarmos sobre isto, ou querem que passemos ao digital e produção das novas...

Carla Nunes

Eu só quero referir uma coisa, e é uma pergunta também, um diálogo entre nós, vocês não acham que é tudo uma questão, essa parte que tu falaste que as galerias estão com dificuldades, de pôr os trabalhos de artistas mais clássicos, mais tradicionais, vocês não acham que não é tudo uma questão de tempo, para que eles comecem a [incompreensível, todos a falar ao mesmo tempo]

Hernando Urrutia

É uma questão de mudança, as galerias já têm o processo de...

Diana Serrão

Isso tem tudo a ver com a receção, a receção dos produtos, as pessoas ainda não estão preparadas para...

Todas as estruturas, não é, neste momento, ainda se estão a adaptar, e nem todas se querem converter e nem todas se querem adaptar... Não quer dizer que morram na praia, o que interessa aqui é retirar sistemas híbridos, arte digital, nova media arte, são todos sistemas híbridos, e para o mercado isto é tudo muito novo, muito recente estamos a aprender a lidar com... e as galerias têm que arranjar maneiras de responder, não é?

Carla Nunes

Os artistas sempre se adaptaram às conjeturas e às mudanças e acho que é tudo uma questão de tempo que os mais clássicos e tradicionais, vão manter sempre um bocadinho, porque quem é mais clássico e tradicional, mantém sempre... E ainda bem que mantém porque agente também olha e vê algo diferente, pronto, senão também era tudo uma aldeia global, preto e branco...

Mas acho que é uma questão de tempo, porque toda a gente, mais cedo ou mais tarde, vai-se querer adaptar, porque chega a uma altura, que se tu não entras no círculo, vais ficar de fora...

Hernando Urrutia

Aqui falamos do digital e produção contemporânea nas expressões da ciber cultura, porque as novas expressões criadas atualmente nas esferas digitais, que neste caso é o que leva a nós, digital da ciber cultura, que em relação às novas tecnologias e de informação, comunicação e cultura contemporânea, a ciber cultura é a forma sócio cultural, da relação simbiótica entre sociedade, a cultura e o novo, tecnologias que permitem não só um maior campo de

experimentação, mas também um desenvolvimento, proliferação e difusão em todo o mundo, partindo de um maior acesso à criação, partindo-se do espaço virtual da rede, o que é imperativo no momento em que vivemos, não só da ciber culturalidades e se organizam como um conjunto de novas características que cruzam questões de duas regiões de conhecimento, a transmissão entre tecnologia e escrita, como linguagem e comunicação, onde também se encontra a imagem promovendo o estudo da cultura na hiper média e vai-se transformando em “transmedia”, ou seja, já que ela trás mediação, e transferir, ao passar de meio para o outro, é mais do que, eu creio que a multimédia é cross média, porque não só se cruzam, mas destacam-se, era o que falava a Diana, nós temos aí uns híbridos que estão a nascer de à uns anos para cá e que agora vai tornar-se o que antigamente era pioneiros e estranhos os que aparecia, agora está a tornar-se habitual, segue a característica de que seria uma média cruzada, o que falava mais ou menos a Diana, mas difere disso que cada meio é usado para um propósito diferente, nós utilizamos diferentes meios para invocarmos como Harry Jenkins aponta no seu livro “A convergência da cultura”, ou seja, a narrativa desdobra-se em diferentes plataformas de média, onde cada texto, e cada meio produz uma contribuição distinta e valioso para o todo, ou seja, estamos a falar da transmídia como conta histórias, não é, num único universo através de suportes, ou seja, que se complementam formando um único ato narrativo, aí falamos das narrativas que falava a Diana, onde os elementos se representam na narrativa da transmídia, são sistematicamente dispersos, através de múltiplos canais, diferentes plataformas, estamos falando de uma forma única, na medida em que cada meio contribui para desenrolar uma história, permite nos situarmos uma convergência cultural participativa, que Harry Jenkins fala, que escuta é a forma como a informação viaja pelas diferentes e examina o papel do espetador, ou seja, do consumidor neste processo, se estava falando do que consome a cultura, não é, o bem cultural, a partir dessa experiência em acho

que como curador, que teria um gestor cultural que tivesse assimilado a relação entre arte e computação, agora mais do que nunca vemos que os pontos de diálogo são propostas contribuindo para a conexão de intercaminhos, já falamos de ampliação dos caminhos que demonstrem colaboração entre os diferentes criadores e gestores para conseguir levar, ter um crescimento da dos diferentes campos para ampliar caminho, sobre a arte, fazendo com que a partir da prática e do seu método experimental, entre aspas, a construção e o desenvolvimento de novas formas de campo interdisciplinar e multidisciplinar, que se cruzam constantemente e questionam e apresentam novas reflexões no mundo virtual que prevalecem nos dias de hoje, ou seja, nós estamos falando não só pelo avanço dos meios tecnológicos, mas também pelas restrições que atualmente estamos sujeitos a, pronto, pelos governos os para salvar a nossa integridade física, devido à pandemia, é algo que prevalece em todo o mundo e nos leva à curadoria, gestão e criação de novas formas de expandir e fomentar a cultura, isso é lógico, todo este exposto, resulta de uma proliferação do mundo, ciber espaço, interface, como chegar ao público, ou a reprodução de diferentes expressões do ser humano levando-nos de certa forma para o campo das artes digitais, ou seja, nós estamos falando não só da forma, apresentação e divulgação de todas as expressões artísticas são com campo que claramente necessite da avaliação do público onde as diferentes áreas se expandem novas possibilidades de expor através de redes, transformando o mundo digital em massificação, e aí temos a reflexão, como falava Walter Benjamin da técnica de reprodução que podia ser caracterizada por dizer que ela liberta, essa multiplicação dessa reprodução dessas obras, para aproximar-nos a todos, ou seja, a massa, quando falamos da massa, é do público geral, referindo-se a um conglomerado de todos os públicos embora tenham sido expostos em 1976, que hoje mais que nunca, tenha valor e força, que vejo a mim, é proclamada por questões de Walter Benjamin adicionar ainda mais a dimensão cultural das artes digitais na ciber cultura,

nós estamos num processo que não é gratuito e que ainda bem que aconteceu tudo isto neste momento, que estamos preparados para ele, porque se tivesse acontecido nos anos 60, teria sido outra coisa.

Carla Nunes

A preparação já seria outra. Mas isto é tudo um seguimento de... trás, para a frente... é seguir.

Hernando Urrutia

O que diz a nossa amiga Diana Serrão sobre isto?

Diana Serrão

Eu entreato pus-me aqui a divagar porque estava a pensar na performance em tempo real, e nós, ou seja, a performance em tempo rela, agora é possível gravá-la, acaba por retirar o significado de ver o real...

Hernando Urrutia

Mas há mecanismos para isso, não é? O *live streaming*, passa neste momento e só neste momento que podes ver.

Diana Serrão

Estava a pensar agora em ciência, arte, tecnologia, performance, já estava aqui a divagar como é que o conhecimento mais especializado também trás mais códigos, como é que conseguimos...

Carla Nunes

Mas a ciber cultura é um pouco isso, hoje em dia até de fala da tecno cultura... já nem é ciber é tecno cultura, já é passar a ciber cultura, é um bocado isso.

Diana Serrão

Claro que a cultura de nichos, agora se calhar pode expandir de outra maneira.

Tava aqui a divagar um bocadinho, mas pronto.

Carla Nunes

Acho que é importante que abre-te a um publico extenso, ou seja, já refletiram sobre isso?

Eu acho que isso é importante...

Diana Serrão

Também é importante pensar no que é que desvirtua, no que é que retira, também é importante pensar, não é só naquilo que acrescenta, mas naquilo que retira e pronto...

Carla Nunes

Eu vejo mais coisas, eu peço desculpa, mas eu vejo mais coisas positivas do que negativas, porque eu já estou dentro do digital e dos estudos quase há dezassete anos, e vejo isto mais positivo, e até já me mentalizei, já enraizei talvez uma postura que já não preciso tanto do físico aqui ao meu lado,

porque posso entrar numa comunidade que falo com cinquenta pessoas assim ao mesmo tempo, coisa que eu não consigo fazer no presencial. E não me dá tantos nervos e não me dá tantos stresses, essas coisas todas, que é bom, é positivo, é umas emoções muito grandes, mas também tens a parte do sistema nervoso, a pressão de ver tanta gente a olhar para ti, e aqui eu adaptei-me bem, e quer do meu ponto de vista pessoal, quer profissional eu quero continuar, mas compreendo que , é preciso um... também já estou à dezassete anos a estudar o digital e comunidades e internet ?marketing e fuul? Média, mas compreendo que é todo um processo e claro, e tal como eu integrei à dezassete anos atrás, as pessoas estão a integrar agora vão levar um processo... mas eu vejo isto muito positivo e acaba por ser um mercado muito amplo, por exemplo, em espaços em situações de isolamento geográfico, territorial, por exemplo, já não dependem só do avião e do barco para as trocas comerciais, já viste a amplitude do mercado para isolamento geográficos, por exemplo?

Hernado Urrutia

Uma pergunta para todos, um comentário da Ana Cristina Fernandes que diz que na Madeira não há lugar para a arte em diferentes expressões, a não ser a pintura, e sem apoio a artistas emergentes, a arte, criatividade digital com fotografia.

Pronto, eu acho que se há formas de procurar, é verdade que não sou, o nosso espaço, não tem, a nossa ilha, não é, a Madeira, não tem grande proliferação de galerias, não é, como, para exposições como existem noutras partes de Portugal, é verdade, ou do mundo, mas com tudo isso há, antes da pandemia, existiam alguns espaços para exposições, é verdade que, normalmente e quando falamos de arte digital, não é, e outros meios, não é, diferentes, ou seja, artistas emergentes que estão trabalhando com novas



linguagens emergentes, há muito tempo não se poderia chamar emergente, mas pronto, que para muitos é emergente, É claro que temos de tratar de abrir o campo nós próprios, temos de tratar de ir focando e criando a nossa própria linguagem, a nossa própria forma de expressão no utilizar das ferramentas e tratar de colocando-as nas propostas ou nos convites que nos fazem, ou ir à procurar que por favor, de uma ou outra forma, nos deixem expor de outra forma, essa forma diferente que não seja pintura, que era algo que habitualmente acontecia nesses espaços, uma questão de explorar e ser arrojado, não é, sempre que me propões uma obra para mim, um convite, eu trato de expor, dentro do que eu faço, eu não vou fazer pintura, simplesmente porque a pessoa quer que eu faça pintura, ou proponho, ou não participo, o facto de tratar de sempre, de não parar e que a criatividade digital não pare, pelo contrário, procuremos caminhos de exploração e agora mais que nunca, adaptação aos novos meios, acho que deves prosseguir com essa proliferação de, ou essa criação de novas expressões, que não sejam pintura, não é?

Diana Serrão

Eu só queria dizer à Ana Cristina, sim que ela tem razão, em alguns aspetos, existem lugares, independentes à poucos, muito poucos, a maior parte dos espaços alternativos que existe acabam por fechar porque não se conseguem sustentar.

Temos a questão da insularidade, mas hoje em dia já não é bem uma questão, é ultrapassável e também não existe exatamente essa cultura digital, não existe uma valorização de artes visuais, por exemplo, da arte digital, faz parte, existe sim uma tradição de artes mais tradicionais que o povo madeirense consome, que o público consome, ok? Como fotografia e a música, conseguem ter uma dimensão, até existe um mercado para o audiovisual, mas a ilustração, onde é que anda a ilustração, onde é que

existem exposições de design gráfico, de fotografia, de... ou seja, tantas artes que ficam aquém, nós conseguimos ver num produto final. Eu gostava de ver, por exemplo, eu não sou muito a favor de, vamos fazer o evento e pronto, vamos meter tudo lá dentro...

Diana Serrão

Não, não existe fundos para apoio cinematográfico, por exemplo, existe para pequenos documentários, mas mesmo assim, há pouco, para a criação artística do argumento, desculpem, para a feitura do argumento, como é que eu vou fazer um filme, como é que eu vou pagar direção de arte, uma equipa técnica, pós-produção, tenho os diretores de som, um diretor de fotografia, pronto estou a falar agora um bocadinho da minha área, há muita coisa que ainda não é valorizada na Madeira.

Hernando Urrutia

É verdade. Eu peço desculpa mas estamos já finalizando, temos poucos minutos, mas não queria cortar a Diana, vamos fechar isto...

Mas o que dizes Diana, é certo, nós temos de procurar outros, se aqui não sai, podemos procurar fora outras coisas, outros meios, exponho na Madeira pouco, mas fora, muito...

Agradeço à Câmara Municipal do Funchal, ao Teatro Municipal Baltazar Dias e ao projeto Funchal Cultura 2030 e ao convite aos organizadores para nós estarmos aqui com todos vocês e com todas as pessoas que de uma ou outra forma estiveram conectadas connosco, à Carla Nunes, minha querida amiga, e à Diana Serrão também, minha querida amiga, por estarmos aqui todos juntos em colaboração para expor estes pontos importantes dentro do contexto das artes digitais tão importantes nestes momentos precisamente

de dificuldade de proliferação das artes em geral na cultura, mas o meio das artes digitais é o momento certo para nós conseguirmos proliferar de uma outra forma e expandir, seguir criando, porque a cultura não deve parar em nenhum momento, pelo contrário, agora com maior força devemos prosseguir em nosso processo de massificação da cultura.

Muito obrigado a todos, por esta conversa interessante e agradável.

Um abraço a todos.